

A crise e a moratória

Uma indagação certamente já freqüentou muitas vezes as preocupações dos governantes norte-americanos: o que aconteceria à economia dos Estados Unidos se os países da América Latina declarassem, isoladamente ou em conjunto, a moratória? Uma projeção das consequências de um default acaba de ser efetuada pela empresa Data Resources Inc., com os resultados divulgados em recente edição do semanário Business Week.

Acredita-se que os Estados Unidos não seriam mergulhados numa recessão séria, no entanto o ritmo da retomada seria certamente abalado, dependendo de que países viessem a suspender o pagamento de suas obrigações. Caso o processo começasse pela Argentina, cuja dívida global ascende a US\$ 40 bilhões, dos quais US\$ 8,6 bilhões devidos aos norte-americanos, o Produto Nacional Bruto (PNB) diminuiria US\$ 5,5 bilhões, as exportações seriam reduzidas em US\$ 3 bilhões, 90 mil trabalhadores seriam desempregados e a taxa de juro dos títulos públicos cresceria de 0,14%. O maior problema seria indubitavelmente causado por uma moratória por parte do Brasil.

Neste caso, o PNB norte-americano declinaria US\$ 24,7 bilhões, as exportações US\$ 14,2 bilhões, cerca de 400 mil empregos deixariam de ser afetados e o impacto sobre as taxas de juros seria de 0,6%. O Brasil deve atualmente aos Estados Unidos US\$ 22 bilhões, de um total de US\$ 90 bilhões referentes a toda a dívida externa. A terceira e mais crítica hipótese aventada pelo estudo aponta para uma moratória conjunta de todos os países latino-americanos. O efeito sobre o PNB ascenderia a US\$ 70 bilhões, 1,1 milhão de empregos deixariam de ser afetados, US\$ 38,3 bilhões deixariam de ser exportados, além de um acréscimo de 2,26% nas taxas de juro. Finalmente, o déficit orçamentário aumentaria em US\$ 26,4 bilhões.

Em qualquer caso, os economistas norte-americanos parecem depositar grande confiança na atuação da Reserva Federal (O Banco Central dos EUA), que teria inevitavelmente de socorrer numerosos bancos. Uma moratória de dimensões continentais causaria perdas de cerca de US\$ 10 bilhões em juros para todos os bancos locais, somente em 1984. Por outro lado, dada a grande interdependência entre os bancos norte-americanos e os de outros países e continentes, o efeito da moratória seria realmente desastroso.

O interesse por esse tipo de estudo não é meramente acadêmico, embora a possibilidade de moratória seja considerada viável pelos autores do trabalho. Estes preferem acreditar que uma atitude como esta revelaria alto grau de irracionalidade, pois equivaleria a uma ruptura concreta com a comunidade financeira internacional. Um fato que parece dar um pouco de fôlego aos norte-americanos é a recuperação ora em curso, que favoreceria uma reabsorção menos difícil de uma moratória do que se esta se tivesse manifestado há um ano atrás, quando a recessão era ainda acentuada.

Vale a pena notar que o referido artigo foi publicado antes da aprovação do Decreto-Lei nº 2.065, que parece ter causado repercussões favoráveis nos meios financeiros internacionais. De qualquer modo, apesar dos impactos que a moratória provocaria, subsiste um clima de otimismo moderado, graças à recuperação. Tal situação é certamente mais favorável para os países que necessitam manter um afluxo constante de poupança externa e, de certa forma, desestimula-os a correr os riscos da moratória, atitude totalmente inconveniente nas presentes circunstâncias.